

**PADRÕES ACENTUAIS DO LATIM AO PORTUGUÊS:
SIMPLICIDADE E COMPLEXIDADE**
STRESS PATTERNS FROM LATIN TO PORTUGUESE:
SIMPLICITY AND COMPLEXITY

Laura Rosane Quednau¹

Resumo: *Este artigo busca traçar o caminho percorrido pelo acento do latim ao português, demonstrando que esse percurso envolve um jogo de simplicidade e complexidade, ou seja, a língua tende a chegar à forma mais simples, mas, para que esta seja alcançada, ocorrem alterações em outros níveis. Notamos que a simplicidade conduz a mudança de acento do latim clássico para o latim vulgar, havendo um retorno a certa complexidade no português arcaico; no português moderno, essa complexidade é reforçada pela reintrodução das proparoxítonas e pela ocorrência de oxítonas terminadas em vogal devido ao contato com o francês e também com línguas indígenas e africanas.*
Palavras-chave: *Latim, Português arcaico, Português moderno, acento*

Abstract: *The purpose of this article is to trace the path taken by the stress (accent) from Latin to Portuguese, demonstrating that this pathway involves a game of simplicity and complexity, i.e., the language tends to get to the simplest form, but for this to be achieved changes occur in other levels. We note that simplicity leads the change in stress from Classical Latin to Vulgar Latin, with a return to some complexity in Old Portuguese; in Modern Portuguese, this complexity is enhanced by the reintroduction of proparoxitones and the occurrence of oxitones ended in vowel due to the contact with French as well as with Indigenous and African languages.*

Keywords: *Latin, Old Portuguese, Modern Portuguese, stress*

1. Introdução

As línguas, de forma geral, tendem à simplificação², ou seja, se obser-

¹ Professora do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Em função de uma certa exigência representacional, algumas estruturas são simplificadas, ao mesmo tempo em que ocorre uma complicação em outro nível, graças à independência entre os níveis prosódicos. Isso é referido claramente no final da seção 6, quando se trata da síncope; com efeito, esse processo acarreta uma simplificação no que diz respeito ao acento e uma complicação na estrutura da sílaba.

varmos um determinado fenômeno linguístico num certo período de tempo, perceberemos que ele tende a chegar a uma forma mais simples, mas não sem uma certa complicação em outro nível. Um exemplo disso é o caminho percorrido pelo acento do latim ao português.

Em latim clássico, o acento é atribuído à penúltima sílaba, se pesada; à antepenúltima, se a penúltima for leve. Em português arcaico, o acento, de forma geral, recai sobre a sílaba final se esta for pesada; de outra forma, sobre a penúltima sílaba. Essas diferenças podem ser explicadas analisando-se o que aconteceu no latim vulgar, um estágio intermediário. Em face da ocorrência do processo de síncope ocorrido em latim clássico, da perda da quantidade das vogais e do deslocamento do acento da antepenúltima para a penúltima em três casos específicos, o acento em latim vulgar é sempre atribuído à penúltima sílaba.

Esses aspectos revelam uma tendência em direção à paroxítonia, processo que se confirma em português arcaico, em que são encontradas poucasíssimas proparoxítonas. Isso explica a mudança do padrão penúltima/antepenúltima do latim clássico para o padrão última/penúltima do português arcaico. Como consequência da mudança de acento da antepenúltima para a penúltima e da apócope da vogal final em alguns casos, algumas palavras passaram a terminar em sílaba pesada em português arcaico, recebendo acento nesta sílaba.

Na tentativa de apresentar evidências que sustentam a hipótese de que a simplicidade conduz a mudança de acento do latim clássico ao latim vulgar e que em português há um retorno a certa complexidade, vamos dar início à nossa análise.

2. O acento do latim ao português – quadro explicativo

Embora o latim clássico e o latim vulgar tenham coexistido em certo momento histórico, vamos, para fins de análise, considerá-los etapas sucessivas. Por outro lado, chamamos atenção para o fato de que a complexidade acrescida no português arcaico se mantém até hoje, no português moderno.

Examinemos os exemplos do quadro seguinte^{3 e 4}. A sílaba tônica de cada palavra encontra-se sublinhada. Há também a indicação da posição da sílaba em que recai o acento: última, penúltima ou antepenúltima.

3 Os exemplos relativos ao português arcaico foram extraídos da análise de Quednau (2000, p. 184).

4 Os exemplos em latim clássico foram colocados no caso acusativo, caso do latim vulgar que deu origem ao léxico na maioria das línguas românicas (em italiano, foi o nominativo). Não incluímos o *m* nos exemplos em latim vulgar, em vista de sua queda.

LATIM CLÁSSICO	LATIM VULGAR	PORTUGUÊS ARCAICO	PORTUGUÊS MODERNO
Acento na penúltima	Acento na penúltima	Acento na penúltima	Acento na penúltima
form <u>ic</u> am mag <u>is</u> tram eleph <u>an</u> tem	form <u>ic</u> a mag <u>is</u> tra eleph <u>an</u> te oc <u>lu</u> mul <u>ie</u> re battu <u>er</u> e	frem <u>o</u> sa pec <u>ad</u> o ribe <u>ir</u> a aspe <u>ra</u> ça	form <u>ig</u> a prof <u>ess</u> ora elef <u>an</u> te <u>aç</u> ucar
Acento na antepenúltima			Acento na antepenúltima
oc <u>u</u> lum mul <u>ie</u> rem battu <u>er</u> e			<u>o</u> culos
		Acento na última	Acento na última
		mol <u>h</u> er b <u>a</u> ter	mul <u>h</u> er b <u>a</u> ter popul <u>a</u> r jacar <u>e</u>

Quadro 1 – Acento do latim ao português – exemplos

Grosso modo, podemos dizer que, em latim clássico, existiam palavras com acento na penúltima e na antepenúltima (paroxítonas e proparoxítonas); em latim vulgar, na penúltima apenas (paroxítonas); em português arcaico, na penúltima (paroxítonas) e na sílaba final (oxítonas terminadas em consoante); em português moderno, na penúltima, na sílaba final e na antepenúltima (paroxítonas, oxítonas e proparoxítonas).

Pretendemos apresentar estudos sobre padrões gerais de acento e, logo depois, generalizações sobre atribuição de acento do latim ao português.

3. Padrões gerais de acento em latim

Em latim clássico, a atribuição de acento às palavras baseia-se na quantidade silábica, ou seja, no peso relativo das sílabas. A quantidade das sílabas é determinada pelo tempo despendido em sua pronúncia, podendo ser elas longas ou breves. De acordo com Faria,

Toda sílaba constituída por vogal breve, ou por vogal breve precedida de uma ou mais consoantes, é breve. Exemplos: a-la-crĩ-tas, re-plĩ-co, lu-pũs, etc. Mas se a sílaba terminar por consoante

seguida imediatamente de outra consoante, embora a vogal seja breve, a sílaba será longa. Exemplos: a-gêl-lus, ip-se, cís-ta. (...). Toda sílaba constituída por vogal longa, ou por ditongo, acompanhados ou não de consoantes, é longa. Exemplos: ha-bê-re, ãurum, pãu-cum, ê-gī, etc. (FARIA, 1970, p. 136-137)

Segundo Faria (1970, p. 134), toda palavra latina contém um acento, com exceção de alguns vocábulos denominados átonos, que, na pronúncia, vão se apoiar à palavra seguinte, ou à precedente. Em latim, como em português, o acento não ultrapassa as três últimas sílabas da palavra. Ao contrário, porém, do português, o acento nunca recai sobre a última sílaba, não havendo, pois, oxítonos de mais de uma sílaba. Da mesma forma, todos os dissílabos são paroxítonos.

As palavras de três ou mais sílabas têm sua acentuação determinada pela quantidade da penúltima: quando esta é breve, o acento recua para a sílaba precedente, sendo a palavra proparoxítônica; quando, porém, for longa a penúltima sílaba, sobre ela recai o acento, sendo a palavra paroxítônica. (FARIA, 1970, p. 135; MICHAËLIS DE VASCONCELOS, 1956, p. 256; WILLIAMS, 1975, p. 15-16; NUNES, 1969, p. 33; ILARI, 1992, p. 74). Vejamos os exemplos apresentados por Niedermann (1953, p. 14)⁵:

- palavras de duas sílabas:

légis, ámas, quídam, ínter, aúdax.

- palavras de mais de duas sílabas:

a) com a penúltima longa:

fidélis, amátor, legúntur, fortitúdo, veheménter, religiósus.

b) com a penúltima breve:

fácilis, légitur, fémína, ímpetus, subsidiúm, amicítia, concédere.

Vejamos agora as diferenças de acentuação entre o latim clássico e o vulgar.

O acento em latim vulgar recai normalmente sobre a mesma sílaba que era portadora do acento em latim clássico. Há, no entanto, deslocamentos em três situações principais (MAURER JR., 1959, p. 68-69; WILLIAMS, 1975, p. 16; ILARI, 1992, p. 74-75):

a) Vogal da penúltima sílaba seguida de um grupo consonântico de *oclusiva + r* em palavras de três ou mais sílabas. Em latim

⁵ Traduções dos exemplos: lês, amas, algum, entre, audaz; fiel, é amado, são lidos, força, veementemente, religioso; fácil, é lido, mulher, ímpeto, subsídio, amizade, conceder.

clássico, a posição do acento depende nesse caso da quantidade da vogal, seguindo a regra de acentuação geral do latim clássico: *íntegrum, tónitrum, álacrem, ténebras, cólubra*. Já em latim vulgar, o acento cai sempre nessa sílaba: *intégrum, toníttrum, alá-crem, tenébras, colóbra*.

b) Casos de recomposição (compostos). Em latim clássico, a acentuação dessas formas se regia pela mesma regra de quantidade da penúltima sílaba, que se observava nas palavras simples. Isso quer dizer que, se o último elemento dissilábico de um composto tinha a primeira sílaba breve, o acento tônico deste recuava para a antepenúltima sílaba, portanto para o primeiro elemento; em latim, geralmente um prefixo: *cóntinet, récipit*. Já em latim vulgar, recupera-se a acentuação da palavra simples, o que equivale a deslocar o acento dos afixos para o radical, ou seja, *cóntinet* é reanalisado em *cum + ténét*, prevalecendo a acentuação da forma simples *ténét, contínet*.

c) *ě* ou *ĩ* (breves) em hiato na antepenúltima sílaba, com uma vogal seguinte breve. Em latim clássico, o *ě* ou *ĩ* (breves) eram acentuados de acordo com a regra de quantidade latina: *muliere, filiólus, lintéolum*. Já em latim vulgar, o acento desloca-se para a vogal seguinte: *muliére, filiólus, linteólum*.

4. Padrões gerais de acento em português arcaico

Há poucos estudos em relação à prosódia do português arcaico. Pretendemos, pois, fazer apenas um levantamento das citações acerca do acento feitas por filólogos e estudiosos do português da fase arcaica. Uma observação que chama a atenção por ser recorrente nas obras consultadas é a tendência atestada por Michaëlis de Vasconcelos (1956, p. 61): *nas evoluções por que passou o latim vulgar e o romance de Portugal, manifesta-se claramente a tendência de transformar proparoxítonas latinas em paroxítonas*.

Coutinho (1976, p.106-107) confirma essa tendência, mostrando que uma das formas de transformar palavras proparoxítonas em paroxítonas é através da queda das postônicas não-finais, com exceção de *a*, em palavras proparoxítonas: *cal(i)du > caldo, vir(i)de > verde, man(i)ca > manga, dom(i)nu > dono, com(i)te > conde, sem(i)ta > senda, pol(y)pu > polvo, lim(i)te > linde, litt(e)ra > letra, gen(e)ru > genro, vers(i)cu > vesgo, lep(o)re > lebre, term(i)nu > termo*.

Williams (1975, p. 64-65) traz duas informações importantes sobre a síncope da penúltima postônica em português:

- a) Se a vogal penúltima postônica era *e* ou *i* (latim clássico *e* ou *i* breves) precedida de *l*, *m*, *n* ou *r*, ou era precedida de *c* e seguida de *t*, caiu em latim vulgar tardio ou no período primitivo do português: *aliquod* > *algo*; **pulicam* (por *pulicem*) > *pulga*; *gallium* > *galgo*; *amites* > *andes* > *andas* (com mudança de declinação); *domitum* > *dondo*; *limites* > *lindes*; *animam* > *alma*; *manicam* > *manga*; *erigo* > *ergo*; *sericum* > *sirgo*; *placitum* > *prazo*.
- b) se o *e* era precedido de *m* mas seguido de um *n* simples, não caía (sic.): *feminam* > *fêmea*; *geminum* > *gêmeo* (*gémeo*); *homines* > *homees* > *homens*.

Michaëlis de Vasconcelos (1956, p. 61-62) também traz alguns exemplos que mostram a transformação de proparoxítonas em paroxítonas: *telha*, *velho*, *rolha*, *malha*, de *tegula*, *vetulus*, *rotula*, *macula*; *pégo* por *pé-lago*; *funcho* de *foeniculum*; *piolho* de *peduculum*; *abelha*, *orelha*, *ovelha*, de *apicula*, *auricula*, *ovicula*; *vinha e pinha* de *vinea e pinea*; *pardo*, *limpo*, *rijo*, *frio*, de *pallidus*, *limpidus*, *rigidus*, *frigidus*; *cardo*, *morto*, *contino*, de *carduus*, *mortuus*, *continuus*. E ressalta que a estranheza às proparoxítonas pode ser demonstrada pelo fato de que em português passou-se mesmo a dar a *esdrúxulo* a acepção figurada de esquisito, excêntrico, extravagante. Nas palavras herdadas que perfazem o núcleo primitivo do vocabulário nacional, há e houve vocábulos de todas as espécies prosódicas. Entretanto, o número das graves prevalece muito sobre as agudas e as esdrúxulas.

É importante salientar que existem poucas dúvidas em relação à existência de palavras proparoxítonas em português arcaico. Segundo Michaëlis de Vasconcelos, podiam ser encontradas poucas palavras proparoxítonas em português arcaico:

Nas prosas arcaicas há-de encontrar forçosamente palavras semi-eruditas - eclesiásticas, jurídicas, medicinais, etc. - que conservaram a prosódia e a acentuação latina - verbigratia, os nomes de contribuições como hospedádego, eirádega, montádega. Mas, relativamente poucas; e nos cancioneiros, pouquíssimas. Apenas algumas que se popularizaram verdadeiramente; com os sufixos -ara, -aro, -alo, -ado, -ago, -ego, -igo, -amo. (MICHAËLIS DE VASCONCELOS, 1956, p. 62)

Massini-Cagliari (1995), que utiliza como *corpus* de seu trabalho cantigas de amigo constantes do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa* na interpretação de Nunes (1973), encontrou no *corpus* apenas um nome que pode ser considerado proparoxítono: *perigoos*. Como refere Massini-

-Cagliari (1995, p.218-219), essa palavra é considerada como proparoxítona por Michaëlis de Vasconcelos, mas nem Nunes (1973, v.2, p. 314-315), nem Spina (1991, p. 337) – as duas versões desta cantiga consultadas pela autora – interpretam esta palavra como *perigoos*. Interpretam-na ambos como *prijões*, rimando com *corações*.

Hauy (1994, p. 42) também atesta a predominância de palavras paroxítonas no galego-português. As raríssimas proparoxítonas que existiam, de origem grega, geralmente se tornavam paroxítonas pelo uso; assim, a palavra *clerigo*, que aparece numa cantiga de maldizer referida por Hauy (1994, p. 95), proveniente da forma latina *clericu*, de origem grega, transformou-se em *crelgo*.

Bueno (1955) mostra que essa tendência de evitar proparoxítonos não ocorreu em todas as línguas que se originaram do latim:

A base de todas as demais transformações foi a alteração da acentuação silábica: enquanto o latim da România Oriental, que compreende o sul da Itália, Sicília, Córsega, Sardenha e a Dácia, hoje, Rumânia, conserva os proparoxítonos, a România Ocidental de que fazem parte o norte da Itália, a Gália, a Provença, a Hispânia e a Lusitânia, por meio de sínopes, reduziu a maioria dos proparoxítonos a paroxítonos. O vocábulo uómo, uómini (Itália), oâmeni (Rumênia), homens (Portug.), hombres (Espan.), hommes (Franc.) proveniente do latim hómines; a palavra tábula evoluciona diferentemente nestas mesmas línguas: távola (it.), table (fr.), tabla (esp.), tábua (port.); o italiano diz cárica, o português carga como o francês charge; mônachus deu mônaco em italiano, mogo em português arcaico, monge em provençal. Tal efeito do acento já vinha do latim plebeu onde a síncope das vogais ante e postônicas era comum: virdis (viridis), auricla e oricla (aurícula), muliére, consuére, battuére, (muliere, consúere, battúere) por isto o italiano ainda diz batere quando em português é bater. Em seguimento a esta tendência continua a língua vulgar a dizer corgo, abobra, canfro quando a literária, procurando aproximar-se das formas latinas clássicas emprega córrigo, abóbora, cânfora. Como conseqüência desta deslocação da sílaba tônica, muitas palavras passaram a oxítonas como se verifica nos verbos: correr, dizer, bater e no substantivo mulher. (BUENO, 1955, p. 29-30)

Nesse sentido, Silva Neto (1946, p. 140) afirma que as línguas românicas se dividem em dois grupos: o tipo *proparoxítono*, que mantém as vogais átonas (romeno, reto-romeno oriental e italiano) e o tipo *paroxítono*, em

que a síncope é a norma (emiliano, reto-romeno ocidental, línguas da Gália e da Península Ibérica).

Um ponto importante em que todos os estudiosos concordam é que a principal fonte da língua portuguesa é o latim, não o literário, mas o latim vulgar, tal como era pronunciado no território lusitano, *já alijado de certas demasias atávicas ou aristocráticas* (MICHAËLIS DE VASCONCELOS, 1956, p. 103). Nesse sentido, é comum que se encontrem afirmações sobre a permanência do acento em português na mesma sílaba em que ocorria em latim vulgar (WILLIAMS, 1975, p. 17; NUNES, 1969, p. 33).

5. Padrões gerais de acento em português moderno

Em português, o acento só pode incidir sobre uma das três últimas sílabas da palavra. A posição preferida é a penúltima sílaba quando a palavra termina em vogal, como em *formiga, professora, elefante* (paroxítonas); se a sílaba final terminar em consoante, o acento recai sobre ela: *popular, mulher, bater* (oxítonas). Esse é o padrão da língua, mas há alguns casos que fogem à regra geral, como os de *óculos, açúcar e jacaré*.

Como ressalta Collischonn (2010, p. 140), o grupo das proparoxítonas é o menor em português e é formado principalmente por empréstimos do latim e do grego, os quais entraram na língua portuguesa a partir do Renascimento, com o ressurgimento do interesse, por parte de escritores, artistas e estudiosos em geral, pelo período clássico. Podemos notar, da mesma forma que já ocorria em latim, uma tendência a regularizar o acento para a posição paroxítona, através do apagamento da penúltima sílaba (síncope), como em *abóbora > abobra, xícara > xicra, óculos > oclus*.

Quando a palavra termina em consoante, o acento recai sobre a sílaba final, de acordo com o padrão geral do português, mas, em *açúcar*, por exemplo, não. Comparemos dois grupos de exemplos de Collischonn (2010, p. 141):

- a) palavras terminadas em consoante com acento na sílaba final (oxítonas): *sugar, colher, vigor, cordel, civil*;
- b) palavras terminadas em consoante com acento na penúltima sílaba (paroxítonas): *açúcar, cadáver, Vítor, móvel, fácil*.

Em levantamento feito por Bisol (1992), no dicionário Delta Larousse, 78% das palavras terminadas em consoante são oxítonas, ao passo que

apenas 22% são paroxítonas. Isso indica uma preferência pelo acento na sílaba final, quando a palavra termina em consoante. Dessa forma, quando a palavra terminar em consoante, o acento marcado é o paroxítono, e o menos marcado é o oxítono. Vale ressaltar que recebem acento gráfico as paroxítonas terminadas em consoante, e não as oxítonas terminadas em consoante, pois estas últimas seguem a regra geral.

O outro grupo de palavras que merece a nossa atenção é o das oxítonas terminadas em vogal, originárias de empréstimos principalmente do francês e de línguas indígenas e africanas: *café, crochê, araçá, jacaré, xangô, banzé*. O acento também marcado (por não seguir a regra geral) desse grupo é justificado pela origem histórica dessas palavras.

6. Síncope

Um processo de síncope, sensível ao acento, que ocorreu em latim vulgar,⁶ apagou as vogais penúltimas postônicas em proparoxítonas. A queda, em latim vulgar, conforme Coutinho (1976, p.106-107), verifica-se geralmente quando a vogal postônica se acha:

- a) depois de uma consoante oclusiva e antes de uma lateral ou vibrante: *oclus (oculus), masclus (masculus), altra (altera), socrus (socerus)*;
- b) entre uma labial e outra consoante (no caso dos exemplos, entre nasais): *domnus (dominus), lamna (lamina)*;
- c) entre uma vibrante ou lateral e outra consoante: *ardus (aridus), virdis (viridis), caldus (calidus), soldus (solidus)*;
- d) depois de *s* e antes de outra consoante: *postus (positus)*.

Silva Neto (1946, p. 140) afirma que a queda da vogal postônica é um dos caracteres mais sugestivos do latim vulgar e que a causa desse fato deve encontrar-se na preponderância, cada vez maior, do elemento intensivo do acento latino. Os exemplos são inúmeros; a tendência é geral e repete-se hoje nos dialetos. Dentre as citações do *Appendix Probi*,⁷ encontramos algumas que atestam a queda da vogal postônica:

6 Segundo Nunes (1969, p.13), a queda da vogal postônica ocorria já em latim clássico, continuando a ocorrer em latim vulgar. Em nosso entendimento, isso significa que o processo tomou como forma-base a forma clássica.

7 Curioso glossário anônimo destinado a corrigir possíveis desvios da norma culta da língua que deveriam estar se tornando comuns. O texto do *Appendix Probi* encontra-se em Silva Neto, 1946.

<i>speculum non speclum</i>	<i>calida non calda</i>
<i>masculus non masclus</i>	<i>frigida non fricda</i> ⁸
<i>vetulus non veclus</i> ⁹	<i>oculus non oclus</i>
<i>vitulus non viclus</i>	<i>tabula non tabla</i> ¹⁰
<i>vernaculus non vernaclus</i>	<i>stabulum non stablum</i>
<i>articulus non articlus</i>	<i>capitulum non capiclum</i>
<i>baculus non vaclus</i> ¹¹	<i>viridis non virdis</i>
<i>angulus non anglus</i>	<i>tribula non tribla</i>
<i>iugulus non iuglus</i>	<i>vapulo non baplo</i>

Em português arcaico, as raríssimas proparoxítonas que existiam, de origem grega, geralmente se tornavam paroxítonas pelo uso, conforme Haug (1994, p. 42); assim, a palavra *clerigo*, que aparece numa cantiga de maldizer¹², proveniente da forma latina *clericu*, de origem grega, transformou-se em *crelgo*. Nunes (1969, p. 139-140) refere a intercalação de uma consoante da natureza da primeira do grupo para facilitar a pronúncia deste, desfazendo uma combinação indesejável, o que ocorre com o *m*, que, quando seguido de lateral ou vibrante, exige a presença de um *b*, como *tumulum* > *tumblo* > *tombro*, *cameram* > *cambra*, *numerum* > *numbro* > *nombro*. Repare-se que a intercalação da consoante já se dá em latim vulgar. Nas poucas proparoxítonas encontradas nas prosas arcaicas, como *hospedádego*, *eirádega*, *montádega*, a vogal postônica se conservou, ao contrário da tendência da língua, provavelmente devido à combinação indesejável que resultaria das consoantes *d* e *g* no caso de queda da vogal. Bueno (1955, p. 29) diz que a proparoxítona latina *monachus* passou a *mogo* em português arcaico. Michaélis de Vasconcelos (1956, p.61) afirma que *nas evoluções por que passou o latim vulgar e o romance de Portugal, manifesta-se claramente a tendência de transformar proparoxítonas latinas em paroxítonas*.

Como atenta Jacobs (1990, p. 102), uma evidência de que o fator determinante para a síncope foi, de fato, uma redução na marcação do sistema (ou seja, mudança em direção ao padrão) do acento pode ser concluído a partir de palavras em que uma mudança de acento da antepenúltima para a penúltima sílaba tomou lugar até antes do processo de síncope, como, por

8 O *c* está empregado em vez do *g*: *fricda* soa *frigda*. A princípio só existia o *c*; depois é que se criou o *g*. Daí ser o primeiro usado, ao invés do segundo. (SILVA NETO, 1946, p.180 e 188)

9 A mudança de *-tl-* em *-cl-* é velha tendência da língua, segundo Silva Neto (1946, p.142).

10 Vem daí o francês *table*; já o português *táboa* postula a forma integral, como *névoa* de *nebula*, conforme Silva Neto (1946, p. 205)

11 De acordo com Silva Neto (1946, p.144), a confusão entre *b* e *v*, que se manifestou desde o século I de nossa era, é um fenômeno corriqueiro do latim vulgar.

12 De acordo com Haug (1994, p.96), essa cantiga, de Afonso Eanes de Coton, pertence ao Cancioneiro da Vaticana (CV, 1116).

exemplo, em *integrum* > *intégru* > *entier* (*inteiro*, em português). Nessas palavras, o acento deve, antes de ocorrer a síncope, ter sido movido para a penúltima sílaba com o objetivo de a ditongação da vogal da penúltima sílaba tomar lugar. É o caso também de *cáthedram* > *cathédra* > *cadeira*. A mudança de acento nesses casos pode ser vista como uma tendência em direção à paroxítonia.

É interessante observar que, nas palavras resultantes do processo de síncope, há duas situações diferentes em relação à estrutura silábica: penúltima sílaba leve (terminada em vogal) e ataque (início) da sílaba seguinte ramificado (formado por uma oclusiva mais uma líquida), como em *oculum* > *oclu*, *tabulam* > *tabla*, *tribulam* > *tribla* e outros; penúltima sílaba pesada (terminada em consoante), isto é, com rima ramificada: *viridem* > *virde*, *calidum* > *caldu*, *frigida* > *fricda* e outros. Com efeito, conforme Nunes (1969, p.68), a penúltima postônica cai sempre que está precedida ou seguida de consoante que possa formar grupo com a vogal que a precede ou segue. Podemos concluir, então, que o processo de síncope acarretou uma simplificação no que diz respeito ao acento (acento na antepenúltima) e uma complicação na estrutura da sílaba, uma vez que esta teve o seu início (ataque) formado por duas consoantes (oclusiva mais líquida), como em *oculum* > *oclu*, ou passou a terminar em consoante (sílabas pesadas), como em *viridem* > *virde*.

7. O acento do latim ao português – caminho percorrido

Diante do que foi exposto, podemos agora voltar aos exemplos do quadro apresentado no início deste artigo, sintetizando algumas generalizações.

7.1 Latim

Em latim clássico, o acento pode recair na penúltima ou na antepenúltima sílaba, ou seja, temos paroxítonas ou proparoxítonas. O acento recai na penúltima se ela for pesada, isto é, se terminar em consoante ou se for formada por uma vogal longa: *magístram*, *elephantem*, *formícám*. Se a penúltima sílaba for leve, o acento recai sobre a antepenúltima: *ocúlum*, *mulíërem*, *battuëre*. O acento nunca recai sobre a sílaba final. Seguindo concepções atuais de fonologia (Fonologia Métrica – ver BISOL 1992¹³), dizemos que essa sílaba fica extramétrica, ou seja, fora do âmbito de atri-

13 No presente artigo, procuramos dar uma visão geral sobre o acento, mas sem fazer referência a teorias recentes sobre esse assunto, como a Fonologia Métrica. Há inúmeros artigos que se utilizam dessa teoria para explicar o acento em latim e/ou em português, como Bisol (1992), Massini-Cagliari (1995), Quednau (2000), que podem ser consultados para uma análise mais aprofundada.

buição do acento. Portanto, o acento é atribuído da direita para a esquerda, sem contar a sílaba final e recai sobre a penúltima ou antepenúltima sílaba.

Em latim vulgar, vimos que o acento recai sobre a mesma sílaba que era portadora do acento em latim clássico, salvo três casos particulares, em que ocorre mudança de acento da antepenúltima (latim clássico) para a penúltima (latim vulgar): quando a vogal da penúltima sílaba é breve em latim clássico e seguida de um grupo consonântico de *oclusiva + r* em palavras de três ou mais sílabas; em casos de recomposição; quando há um *ĕ* ou *ĭ* breves em hiato na antepenúltima sílaba, com uma vogal seguinte breve. Trazemos aqui alguns exemplos: *ténebras* > *tenébra*, *cóntinet* > *contínet*, *mulíerem* > *muliére*. A tendência em direção à paroxítonia, revelada pela mudança de acento da antepenúltima para a penúltima sílaba, é confirmada pela transformação de proparoxítonas em paroxítonas através da síncope.

Portanto, do latim clássico para o latim vulgar, notamos uma mudança nos padrões acentuais: em face da perda da quantidade das vogais, do deslocamento do acento da antepenúltima para a penúltima sílaba em três casos e da queda da vogal penúltima postônica em proparoxítonas (síncope), o acento em latim vulgar não depende do peso da sílaba e incide sempre na penúltima sílaba.

7.2 Português arcaico

De forma geral, o acento em português arcaico permaneceu na mesma sílaba em que ocorria em latim vulgar. As aparentes exceções referem-se principalmente à mudança de acento da antepenúltima para a penúltima sílaba, que ocorreu já em latim vulgar, numa clara tendência à paroxítonia, e à passagem de algumas palavras em que ocorreu essa mudança para palavras terminadas em sílaba pesada em português arcaico, em função da apócope da vogal final. Bueno (1955, p. 29-30) apresenta exemplos dessa situação: os verbos *coser* e *bater* e o substantivo *mulher* (*molher* em português arcaico), provenientes das formas latinas (respectivamente, latim clássico e latim vulgar) *consúere* > *consuére*, *battúere* > *battuére* e *mulíere* > *muliére*. Dessa forma, a sílaba final passa a ser pesada, recaindo o acento sobre ela. O acento, então, recai (exemplos retirados de Quednau (2000, p. 184)):

a) sobre a sílaba final se esta for pesada, como em *natural*, *mulher*, *oçajon*, *francês*, *valor*, *sagraçon*, *virgeu*, *sandeu*;

b) sobre a segunda sílaba a contar da borda direita da palavra, desde que a sílaba final não seja pesada. Assim, o acento é atribuído à penúltima sílaba, independentemente do seu peso, como em *fazenda*, *asperaça*, *virgo*, *barco*, *alfaya*, *ribeira*, *freira*, *cavaleiro*, *pecado*, *ventura*, *vermelha*, *Maria*, *dia*, *queixume*, *bondade*, *fremosa*.

7.3 Português moderno

Em português moderno, o acento é atribuído da mesma forma que em português arcaico, ou seja, na penúltima sílaba se a final for leve, como em *formiga*, *professora*, *elefante*; na sílaba final se esta for pesada, como em *popular*, *mulher*, *bater*. Esse é o padrão geral da língua; para explicar os casos de *óculos*, *açúçar* e *jacaré*, já tratados na seção 4, buscamos amparo em Bisol (1992). No caso de *óculos*, a sílaba final fica extramétrica (fora do âmbito do acento) e o acento é atribuído à antepenúltima sílaba, uma vez que a penúltima é leve. É importante notar que o acento nunca pula uma sílaba pesada, ou seja, não existe *cádastro, por exemplo. No caso de *açúçar*, o que fica extramétrico é apenas o segmento final (a consoante), e o acento é atribuído da mesma forma que no padrão geral da língua, como se a palavra terminasse em sílaba leve. No caso de *jacaré*, a justificativa para o acento na sílaba final é a existência de uma consoante final, abstrata, na forma lexical, que aparece em derivações: *jacaré* – *jacarezeiro*, *tricô* – *tricotar*, *chá* – *chaleira*. Como já foi dito na seção 4, esses três exemplos levam acento gráfico justamente por se distanciarem do padrão da língua.

Podemos considerar que o acento paroxítono é não marcado; é para aí que a língua se encaminha, para a paroxítonia. O acento proparoxítono é marcado, no sentido de que é o menos usual. É um acento especial, contrário à tendência geral de acentuar a penúltima sílaba. É interessante notar que, considerando-se os estágios latim clássico, latim vulgar e português arcaico, a evolução em termos de acento se deu como a mudança de um sistema marcado (acentos na penúltima ou na antepenúltima sílaba) para um não-marcado (acentos apenas na penúltima) e a volta para um sistema marcado (acentos na penúltima ou na sílaba final quando a palavra termina em consoante). Em português moderno, o sistema marcado persiste, e a complexidade ainda é aumentada devido à reintrodução das proparoxítonas e à introdução de palavras originárias do francês e de línguas africanas e indígenas.

8. Considerações finais

Vimos que, em latim clássico, o acento poderia recair sobre a penúltima ou antepenúltima sílaba; em latim vulgar, em face da ocorrência do processo de síncope, da perda da quantidade das vogais e do deslocamento do acento da antepenúltima para a penúltima em três casos, o acento poderia recair apenas sobre a penúltima sílaba. Esses aspectos revelam uma tendência em direção à paroxítonia, processo que se confirma em português arcaico, em que são encontradas pouquíssimas proparoxítonas. Isso explica a mudança do padrão penúltima/antepenúltima do latim clássico para o padrão última/penúltima do português arcaico. Como consequência da mudança de acento da antepenúltima para a penúltima e da apócope da vogal final em alguns casos, algumas palavras passaram a terminar em sílaba pesada (sílabas terminadas em consoante ou semivogal) em português, recebendo acento nesta sílaba. Pode-se concluir que a simplicidade conduz a mudança de acento do latim clássico para o latim vulgar, havendo um retorno a certa complexidade no português arcaico. Vale dizer que, no português moderno, essa complexidade é reforçada pela reintrodução das proparoxítonas e pela ocorrência de oxítonas terminadas em vogal devido ao contato com o francês e também com línguas indígenas e africanas.

BIBLIOGRAFIA

- BISOL, Leda. O acento e o pé métrico binário. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 22, p. 69-80, 1992.
- BUENO, Francisco da Silveira. *A formação histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955.
- COLLISCHONN, Gisela. O acento em português. In: BISOL, Leda (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 5. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 7. ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- FARIA, Ernesto. *Fonética histórica do latim*. 2. ed. (2. reimpressão), Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.
- HAUY, Amini Boainain. *História da língua portuguesa - séculos XII, XIII e XIV*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- ILARI, Rodolfo. *Linguística românica*. São Paulo: Ática, 1992.
- JACOBS, Haike. On markedness and bounded stress systems. *The Linguistic Review*, n.7, p.81-119, 1990.

- MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao lingüístico* - um estudo do percurso histórico da acentuação em português. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 1995. Tese (Doutorado em Lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1995.
- MAURER JR., Theodoro Henrique. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.
- MICHAËLIS DE VASCONCELOS, Carolina. *Lições de filologia portuguesa* (segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13) seguidas das lições práticas de português arcaico. Lisboa: Nova Edição da 'Revista de Portugal' - série A - Língua Portuguesa, 1956.
- NIEDERMANN, Max. *Précis de phonétique historique du latin*. Troisième édition revue et augmentée, Paris: Librairie C. Klincksieck, 1953.
- NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa - fonética e morfologia*. 7. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, [1969].
- NUNES, José Joaquim. *Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses*. Edição crítica acompanhada de introdução, comentário, variantes e glossário, Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1973. 3v.
- QUEDNAU, Laura Rosane. *O acento do latim ao português arcaico*. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2000. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2000.
- SILVA NETO, Serafim da. *Fontes do latim vulgar (o Appendix Probi)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.
- SPINA, Segismundo. *Manual de versificação românica medieval*. Rio de Janeiro,; Gernasa, 1971.
- WILLIAMS, Edwin B. *Do latim ao português - fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Traduzido por Antônio Houaiss. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

Recebido em: 10/12/2013. Aceito em: 23/03/2014.